

O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa: apreciação crítica

Maria Tereza Camargo Biderman
UNESP, Campus de Araraquara

Introdução

O dicionário é o depositário do acervo lexical da língua e da cultura. Ele descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua – a língua culta e escrita

Todo dicionário deve fundamentar-se em uma Teoria Lexical para ter critérios científicos e coerentes sobre o objeto que pretende descrever – o léxico da língua. Por conseguinte, um axioma básico é o estabelecimento de um conceito inequívoco de unidade léxica; desse princípio axiomático derivará a metodologia para estabelecer a nomenclatura do dicionário, isto é, o rol das unidades lexicais que integrarão o acervo identificado e descrito. Vários problemas se levantam para o lexicógrafo, tanto no que respeita a identificação das unidades complexas, como no registro de unidades menores do que a palavra, na hipótese de contemplar o dicionário, formantes do léxico. Dessas decisões teóricas decorre a organização da macroestrutura do dicionário.

Uma das grandes conquistas da Lexicografia na segunda metade do século vinte foi o advento dos *corpora* informatizados. Graças a essa notável fonte de referência, o trabalho de recolha, seleção e tratamento dos dados vocabulares pode ser feito com apuro e fidedignidade. Hoje podemos recolher, armazenar e manipular muitos milhões de dados vocabulares e lingüísticos, que nos permitem dispor de um recorte do universo verbal suficientemente representativo da extensão imensurável que constitui o léxico de uma língua moderna de civilização. Assim, a estocagem digital de um corpus representativo da língua, em suas variedades escrita e oral, cria condições ideais para a elaboração de um dicionário, sobretudo de um dicionário geral da língua.

Vale a pena insistir em algumas vantagens propiciadas por *corpora* informatizados.

- a) Os dados vocabulares e lingüísticos são *confiáveis* pois representam realmente a língua usada pelos falantes.
- b) Como os dados registrados são *reais*, pode-se identificar as fontes produtoras desses textos e/ou discursos e estabelecer a *datação* desses dados facilmente.
- c) As palavras que serão objeto da descrição lexicográfica estão contextualizadas no corpus-fonte; daí resulta que o dicionarista poderá extrair desses contextos os valores semânticos

e sintáticos dos vocábulos que constituirão objeto da descrição lexicográfica.d) Enfim, os *corpora* fornecem também dados importantes sobre as combinatórias usuais e freqüentes de palavras, auxiliando o dicionarista a identificar tipos de *colocações* que são não só regulares mas cristalizadas; dessa forma pode-se recolher as lexias complexas resultantes dessas mesmas combinatórias e até mesmo *fraseologias* nominais e verbais.

Em suma, o fato de o dicionário fundamentar-se em um corpus autêntico da língua como ela é realmente utilizada pelos falantes, confere a essa obra uma autoridade indiscutível.

- O Dicionário da Academia utilizou um *Corpus de referência* de grande porte. Incluem-se nele: obras publicadas desde 1824 até 1994 [Portugal, Brasil e países lusófonos da África]; obras institucionais portuguesas como: 1) Diário da Assembléia da República; 2) Leis; 3) um corpus do Supremo Tribunal de Justiça; 4) Periódicos variados, tais como jornais, revistas. Como fontes de referência constam ainda dicionários variados da língua portuguesa e de outras línguas: latim, francês, inglês, etc. Tal corpus totalizava cerca de 100 milhões de ocorrências à época da confecção do dicionário.

Curiosamente, o *Corpus de Referência* que deveria ser um tópico fundamental, na apresentação e explicitação da elaboração do dicionário, não mereceu o devido destaque. Particularmente para justificar a seleção das palavras-entrada.

Na primeira vez em que foi citado, na INTRODUÇÃO, está referido com letras miúdas em um N.B. “A maior parte destes recursos documentais foi facultada à Academia através do “Corpus de Referência do Português Contemporâneo”, elaborado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e que, para o efeito, foi financiado pela Fundação Gulbenkian” (Introdução, XIV). Na listagem das *Fontes Documentais* (págs. XLV-LXIII) não se menciona o *Corpus* informatizado, estranhamente, aparecendo apenas a nota “em passant” Corpus da Língua Oral : 1) Oral Fundamental in *Corpus de Referência*; 2) Português Fundamental in *Corpus de Referência*.

Assim, aquilo que constitui o maior mérito e originalidade deste dicionário foi praticamente ignorado. Tendo em vista que esse *Corpus de Referência* é um dos grandes tesouros do Português Contemporâneo, sobretudo porque recolheu textos de todas as variedades do nosso idioma, em todos os continentes, apesar de ter dado justa primazia para o Português Europeu, não se entende essa omissão. Por outro lado, é exatamente essa ancoragem em um corpus real, autêntico, que atribui ao dicionário a sua autoridade de avalista do atual estágio do léxico.

Infelizmente, a despeito de este *Dicionário* basear-se num *Corpus de Referência* informatizado, faltam-lhe várias das virtudes que se poderia esperar que tivesse como se evidenciará nos comentários que seguem.

1. A macroestrutura do dicionário

Na introdução nada se diz a respeito da elaboração da nomenclatura deste dicionário como se a questão não tivesse importância. Ora, uma obra que se pretende um dicionário padrão, referência didática, e, mais, que “se assume” como orientador idiomático no domínio lexical para os usuários da língua, ainda mais com a chancela da Academia de Ciências,

reveste-se de uma responsabilidade enorme. Portanto, é imperdoável que não informe aos consulentes como foi selecionada e organizada a nomenclatura.

Decorre daí que são registrados vocábulos que poderiam ser descartados, quer por sua raridade, mas sobretudo por sua virtualidade. Esse último senão repete o pecado cometido pelo HOUAISS que incluiu um número imenso de unidades lexicais virtuais. De fato, apesar de suas dimensões (dois volumes e 3809 páginas) não é um tesouro exaustivo do português contemporâneo, visto como abriga cerca de 70 mil verbetes, embora 240 mil vocábulos estariam aqui armazenados, a cremos o que dizem os editores. Seja como for não parece legítimo inchar uma nomenclatura com vocábulos virtuais.

2. A microestrutura do dicionário

Após o lema e sua categorização léxico-gramatical, o verbete se inicia pelo étimo da palavra-entrada. Infelizmente, a língua portuguesa não possui estudos confiáveis sobre a história de seu léxico em seu conjunto para que se possam atribuir etimologias fidedignas para um número considerável de palavras do nosso vocabulário. Com exceção dos dicionários etimológicos/históricos de Antenor Nascentes, José Pedro Machado e Antônio Geraldo da Cunha, não possuímos muitas fontes para pesquisar este tipo de informação. E essas obras não são isentas de incorreções, além de não cobrirem toda a imensidão do léxico. Em um número significativo de casos suas lições têm que ser revistas e reformuladas.

- A prática de distinguir homônimos especialmente no caso da homonímia categorial parece muito acertada. Cf. *ai-jesus*¹, interj. *ai-jesus*² sub.; *compacto*¹, adj. *compacto*² sub.; *compasso*¹ sub, *compasso*² sub; *façanhudo*¹ adj. *façanhudo*² sub; *saneador*¹ adj. e *saneador*² sub.; *sucursal*¹ adj. e *sucursal*² sub. Entretanto, às vezes, não se faz tal discriminação [cf. *montar* v. considerado como polissêmico], porém, faz-se a distinção no caso de deverbais substantivos: *montaria*¹ e *montaria*².
- Estão registradas informações complementares como as relações semânticas no interior do léxico (sinonímia, antonímia).

Sobre a questão etimológica, vejamos alguns vocábulos típicos da realidade brasileira. E de origem indígena:

jacaré (do tupi *yaka* 'ré "o curvo")

jararaca (do tupi *yara* 'raka) Cf. Cunha: "que envenena ao apanhar"

mirim (do tupi *mi* 'ri) Cf. Cunha: *mi* 'ri <pequeno>

paçoca (do tupi *pa* 'soka) Cf. Cunha: *pa* 'soka

piaba (do tupi *pi* 'awa "de pele manchada")

tapera (do tupi *ta* 'pera "aldeia extinta")

Os vocábulos que designam referentes do universo físico e cultural do Brasil tiveram como fontes de informação basicamente o dicionário AURÉLIO e o *Dicionário Etimológico* de A.G. da Cunha. Embora não tenhamos fontes fidedignas no que concerne a origem das palavras indígenas brasileiras, é verdade que essas são as melhores fontes, sobretudo Cunha, de quem o AURÉLIO é devedor. Entretanto, tais fontes são insuficientes para

estabelecer etimologias de modo indubitável. De fato, todos os numerosos povos que compunham a população nativa do Brasil nos séculos da colonização não contam com quase nenhuma fonte documental para que se possa afirmar com segurança quais seriam os étimos, já que quase só o tupi mereceu estudos antes do século XX. Assim informações preciosas sobre a origem do vocabulário indígena do Brasil devem ter sido totalmente perdidas.

Vai-se comentar alguns poucos exemplos de impropriedades no tratamento da etimologia. Veja-se o exemplo seguinte a informação dada pelo DICACAD.:

? *moqueca* (do quimb. *mu' keka*) Angol. Cul. 3. Bras. Cul. Peixe assado na grelha, envolto em folhas de bananeira. 4. Bras. Enfiada de peixes pequenos. 5. Bras. Espécie de cataplasma feito com folhas e mangueira e de tabaco, que coloca sobre a cabeça para debelar cefaléias.

Contraponha-se a esta informação as citadas a seguir.

1) V. Chermont de Miranda, *Glossário Paraense*, 1905 (1968):

moquear ou *moquiar*, v. - Assar lentamente a certa altura da chamas, sobre o moquéim produzindo um pouco de fumaça. é operação diferente da de assar, que é feita ao calor das brasas, sem chamas nem fumaça. Etim. *mu, caê*.

moquéim, s.m. Pequeno jurau a 30 ou 45 centímetros do solo, sobre o qual se coloca o peixe ou a caça a moquear.

moqueca, s.f. - O peixe envolto em uma folha e assim moqueado. É tupi puro.

2) Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*. Cia Editora Nacional, 1987 (versão original: anterior a 1937).

moqueca corr. Moqué ou po-kêca, feito embrulho: o embrulhado ou envolvido. Peixe assado entre folhas, que o envolvem e no meio das cinzas.

moquem Moca~e ou mo-caê, faz. que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. Muquem.

A G. da Cunha no *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, 3ª ed., 1989, confirma a origem para *moquéim* e detalha melhor a definição, além de documentar seu registro abundantemente desde 1554. Para ele, o étimo é: *moka'* e tostada carne ou peixe.

Pode-se concluir que o vocábulo *moqueca* não tem a origem angolana referida, mas antes é indígena, e tupi. Aliás, é o que afirma também Pereira da Costa em seu *Vocabulário Pernambucano* (1937). É verdade que se pode levantar a hipótese de um cruzamento.

Já para a lexia *mungunzá* pode-se aceitar a lição do DICIONÁRIO: (do quimb. *mu' kunza*). Bras.cul. Iguaria doce feita com grãos de milho branco, cozidos em calda de açúcar, leite ou leite de coco e canela;

Alguns exemplos mais de dados etimológicos.

- *jiló* (do quimb. *njilu*);
- *tanga* (do quimb. *ntanga* "pano");
- *nascituro* (do lat. *nasciturus*, part. fut. do v. *nasci* nascer);
- taramela*, *tramela* (do lat. *trabella*, dim. de *trabes* "trave")
- *ihad* (ár.) — só consta a origem *jarra'* (do ár. *jaRR'* "vasilha de barro para água").
- *sangría* (do cast. *sangría*)
- *jingle* (Ingl.)

Em muitos casos, informa-se apenas sobre a origem do étimo como nos exemplos acima de *jihad* , *jingle* e *sangría* . A despeito de o corpus de referência indicar dicionários etimológicos, como se afirmou antes, no mundo lusófono a ciência da Etimologia não está suficientemente desenvolvida em bases científicas para que se possa certificar com rigor a origem e a evolução de grande parte do nosso vocabulário. Assim, tais informações, em muitos casos, têm que ser vistas com ressalvas.

3. Definições

Uma grande maioria dos verbetes foram bem redigidos e são bastante completos, quer quanto à definição, quer quanto a abonações e/ou exemplificações.

Cf. *acepipe* , *acessibilidade* , *acerbo* , *agônico* , *alfaia* , *bródio* , *carcomido* , *carisma* , *carismático* , *cartesianismo* , *cartesiano* , *CD-ROM* , *conformismo* , *consumir* , *consumição* , *consumo* , *dar* , *demudado* , *dengoso* , *desembestar* , *disponibilidade* , *empirismo* , *encardido* , *estilizar* , *façanhudo* ¹, *façanhudo* ², *indômito* , *indulgente* , *inferência* , *fazer* , *lacustre* , *lampeiro* , *lavagem* , *manobra* , *nação* , *negaça* , *nhá* , *nhô* , *paragem* , *passar* , *passo* , *polpa* , *portal* , *sensível* , *sensorial* , etc. para citar apenas alguns exemplos.

• *encardido* . Julgo apropriado o fato de esse adjetivo, derivado de particípio passado, ter merecido entrada própria; aliás, explicou-se no prefácio que, quando necessário, haveria um verbete individual para adjetivo participial.

Infelizmente, há vários em que a definição deixa a desejar.

• *celenterado* adj. a definição “Que pertence ou é relativo aos celenterados” está incompleta. Seria necessário fazer a remissão ao verbete *celenterados* , embora esse venha a seguir.

• *livre-docência* : termo definido como “atividade”. Na verdade é um concurso e um título.

Outro problema relativamente às definições é a remissão a outro verbete para dar a informação sobre o significado buscado. Ora, sucede várias vezes, que a busca resulta infrutífera. Vejam-se alguns casos. *Ranking* remete a *classificação* , mas aí nada se diz sobre *ranking* , que, aliás, não equivale a *classificação* , mas a uma posição determinada no interior de uma classificação. Em *camping* remete-se à sub-entrada *parque de campismo* , mas não há referência a *camping* em *parque* , verbete principal. Em *bluff* remete-se a *simulação* mas nada consta aí sobre *bluff* . Aliás, *bluff* não equivale exatamente ao sentido de *simulação* em Português. Existem outros casos desse tipo. Às vezes, também o significado como referência básica para definir é inadequado. É o caso de DVD que assim se define: “consumível com elevada capacidade de memória...”. Creio que melhor seria usar “produto”, “objeto”, “disco”.

4. Combinatórias fixas e de co-ocorrentes privilegiados

Um dos maiores méritos deste dicionário foi a indicação de duas classes de informações, que nossos dicionários não costumam registrar com a pertinência e a exaustividade que esse assunto mereceria. Sabemos que uma forma de a língua ampliar seu vocabulário

é a criação de unidades lexicais compostas (complexas) através de combinatórias entre unidades já existentes. Esse é um dos recursos mais ricos de nosso idioma. Embora haja outras: o “alargamento semântico”, ou “expansão semântica”, e todos os recursos mórficos já referidos. Ademais, um dicionário como esse que se fundamentou em um corpus informatizado de textos reais da língua poderia tirar enorme partido desse notável repertório linguístico. E o fez. Embora nada se diga na *introdução* a esse respeito, o que é de estranhar. É por isso que as 70.000 unidades se expandem até chegar a 240 mil termos. Relativamente a essa questão, o registro abundante de **combinatórias fixas** e de **co-ocorrentes privilegiados** constitui um dos maiores méritos deste dicionário. Nem o AURÉLIO, nem o HOUAISS exibem tal riqueza de unidades complexas e fraseologias nominais e verbais. E ainda as **expressões idiomáticas** que muito enriquecem este dicionário, sobretudo na categoria do verbo. Alguns verbos muito polissêmicos em Português registram enorme abundância de expressões idiomáticas. Cf. *cair, dar, fazer, passar, perder*, etc. E também na categoria do substantivo: cf. *água, agulha, arma, banco, banda, cavalo, dedo, escala, ferro, passo, pé, pedra*, etc.

• O uso do sinal + para indicar **co-ocorrentes privilegiados** não está indicado em itálico como se afirma nas “Indicações para consulta do dicionário”, mas em negrito. Seja como for o modelo gráfico não é bom, deixando a desejar sobretudo em casos como o de *água*. Exemplos:

• *bombeiro* ex. de combinação fixa: *corpo + de bombeiros; encarnado*1 adj. *cartão + encarnado; chato, cara + chata ... nariz + chato ... pé + chato* .

Tal sistema é realmente inadequado para indicar as “combinatórias fixas”. Para maior clareza para o consulente, as “combinatórias fixas” deveriam repetir a palavra-entrada, seguida dos elementos que integram a combinação, uma vez que não se ganha muito espaço com sua omissão.

5. Impropropriedades

Algumas impropriedades identificadas serão comentadas a seguir.

Por vezes citações constantes dos verbetes não foram incluídas nas *fontes documentais*. Entre outros exemplos: ? *chato* adj. A abonação de Alçada Baptista para este lema não está devidamente documentada. Idem para *nação*: “conjunto de pessoas ligadas por tradições históricas e por uma língua, costumes e instituições comuns.” Não consta nas *fontes* a referência da obra *Casa do Pó* de F. Campos, que abona esta acepção. Outro exemplo relativo a essa mesma obra: *abúlico*. Também *bordo* cuja primeira acepção também é abonada com citação dessa mesma obra. *Agônico*: verbete bem feito, porém, a citação da obra *Criação* de M.Torga não consta das *fontes*. E há vários outros casos. Esperava-se que um dicionário feito com tanto aparato e sobretudo apoiado num *Corpus de Referência* informatizado não registrasse tais cochilos.

Também é criticável a inclusão de vocábulos que não passam de *virtualidades* na língua. Exemplos:

• *celebrável*: a despeito dos exemplos registrados neste verbete, esse vocábulo é apenas virtual. De fato, não constam abonações.

• *celebrizar* (De célebre + suf. -izar). Esse verbete está bem definido e até abonado; porém, *celebrização*, que também tem entrada própria, parece-me esdrúxulo; consta um exemplo, mas não um registro que confirme que esta palavra ocorreu.

• *amover, amovível*. É questionável que se usem tais vocábulos em Portugal, a não ser na linguagem jurídica muito específica, ou como termo arcaico. O dicionário dá como étimo para *amover* o latim *amovēre*. Em latim esse verbo *amovēre* é mais raro que *movēre* e é mais usado na linguagem jurídica. Nas línguas latinas da Ibéria *amovível* (port.) e *amovible* (esp.) são cultismos. Assim, não entendo a razão do uso de *amovível* na definição da acepção 3. De *chaveta*: “cunha amovível que serve para unir duas partes de um mecanismo ou de um objeto”. Parece que as entradas *amover* e *amovível* pretendem justificar a definição. Tais palavras não constam de nosso corpus [UNESP, CEL, Campus de Araraquara] de 150 milhões de palavras.

Nesse caso, a fonte de referência para a Academia pode ter sido o HOUAISS, que prima pelos exóticos barroquismos. No dicionário HOUAISS encontramos: *amover, amovibilidade, amovível*. Registra-se aí que o verbo e o adjetivo são dos séculos XV e XVI, afirmando-se que foi tirado das *Ordenações Afonsinas*. De fato, se a palavra tiver algum uso será apenas na linguagem jurídica como indica o *Dicionário Jurídico* de Magalhães e Malta (1997); contudo, nesse dicionário não existe um verbete para *amovível* e faz-se remissão a *removível*. De qualquer forma, o testemunho desta obra é que se trata de vocábulo exclusivo da linguagem jurídica, havendo nele também referência às *Ordenações Afonsinas* e *Leis Novíssimas*. Portanto, *amovível* não deveria ser usado para definir na língua geral.

6. Informações gramaticais questionáveis

O *Dicionário* incluiu em seu repertório lexical unidades menores que a palavra, ou seja, formantes que servem à formação de palavras em Português. Convém lembrar, antes de mais nada, que os processos de formação de palavras em português são: a derivação, a composição, a derivação regressiva e a conversão. Quanto à *derivação*, os dois processos afixais que se destacam são a prefixação e a sufixação por sua grande vitalidade. Presume-se, pois, que o *Dicionário* destacasse os mais importantes prefixos, sufixos e elementos de composição que nosso sistema possui. Ora, os autores optaram por classificar todos os recursos formais existentes na língua de “elemento de formação”. A imprecisão poderia ser tolerável; entretanto, como se trata de um *Dicionário Padrão*, seria mais aconselhável que classificasse diversamente cada unidade conforme sua categoria. Não se minimiza aqui a controvérsia existente sobre a conceituação de prefixos e formantes variados como os que presidem à composição. É verdade que existem obstáculos teóricos. Como diz Rio-Torto a “eterna questão das fronteiras entre prefixação e composição” não está resolvida, e a linha divisória entre a prefixação e a composição é difusa. Apesar de tudo isso, o *Dicionário* tinha o dever de dar melhor solução para a questão, e não chamar indiscriminadamente, a todos os recursos de geração léxica, “elemento de formação”.

Vejamos alguns exemplos classificados pelo dicionário como elemento de formação. *ambi-* (do lat.) *arca-* (do grego). Exprime a noção de origem: *arcaísmo, arcaico*.

*-arca*¹ (do grego ...'comandar'). Exprime noção de governo, chefia como em *autarca*, *monarca*.

arc(e)- (do grego 'comandar'). Exprime a noção de primeiro, superior.

arqu(i)- (do grego 'comandar'). O mesmo que *arc(e)-*. Exs: *arquibancada*, *arquiduque*. -

arquia- (do grego 'comandar'). O mesmo que *-arca*. Exs: *autarquia*, *monarquia*.

ant(i)- (do grego 'contra'). Exprime a noção de oposição. Exs: *antiaéreo*, *anticiclone*, *anticorpo*.

ante- (do lat. 'antes'). Exprime a noção de <antes de>. Exs: *antegozo*, *antebraço*, *antecâmara*.

-ante. Exprime as noções de: 1) agente [*estudante*, *enervante* (?)]; 2) qualidade [*semelhante*, *possante*]; 3) relação [*cambiante*, *variante*]

*auto*¹ (do grego 'o próprio') Exprime a noção de *próprio*. Exs: *automóvel*, *autobiografia*, *autocrítica*.

*auto*² (abreviação de *automóvel*). Exprime a noção de *automóvel*. Exs: *autobomba*, *autódromo*, *auto-estrada*.

Esse último caso é um caso de base lexical independente, substantiva, como em *teledramaturgia*, em que *tele* significa <televisão>.

eur(o)- (de Europa, topônimo). Exprime a noção de Europa. Exs: *eurocheque*, *eurodeputado*. Neste verbete como em outros de formantes percebemos incoerências metodológicas. Há duas entradas homônimas para *euro*¹- e *euro*²-, sendo que essa segunda refere a unidade monetária européia.

hidro- (do grego 'água'). Exprime as noções de: 1) água - exs: *hidroavião*, *hidroelétrico*; 2) *hidrogênio*- exs: *hidrocarboneto*, *hidróxido*.

Curiosamente, o tratamento deste formante mereceu uma atenção exagerada: há uma plethora enorme de derivados com *hidro-* em que se incluem muitas palavras raras como: *hidrocele*, *hidrocreção*, *hidrofiláceas*, *hidrofiláceo*, *hidrofilidas*, *hidrofilídeo*, *hidrofilídeos*, *hidrófugo*, *hidrolato*, *hidropisia*, *hidrossauros*, etc.

Esse desequilíbrio numérico em relação a outros formantes documenta um aspecto negativo do dicionário como já se disse: não se percebe qual foi o critério de seleção dos lemas para integrarem a nomenclatura. Constam também como elementos de formação: *mega-*, *micro-*, *mini-*, *multi-*, *neo-*, *neur(o)-*, *poli*¹-, *poli*²-, *pseud(o)-*, *tele*¹-, *tele*²-, etc. Esse último exemplo opõe duas raízes lexicais. No primeiro caso, temos o prefixo *tele-* (do grego 'ao longe, à distância') com os exs: *telecomando*, *teleconferência*, *teledifusão*, *televisão*. No segundo, trata-se de uma redução, ou truncamento do vocábulo *televisão*, conceitualmente presente nos derivados: *telecompra*, *teledisco*, *telefilme*. Mas isso não é bem explicado pelo *Dicionário*.

O critério de chamar a todas as unidades menores que a palavra de *elemento de formação* para evitar a tomada de decisões teóricas no âmbito da Morfologia Lexical, não foi feliz. Não se pode dizer que esteja totalmente errado, mas os lexicógrafos colocaram elementos de natureza diferente na mesma categoria morfolexical. Isso é particularmente evidente quando confrontamos prefixos e/ou elementos de composição como os acima referidos com outras unidades bem distintas, a saber: os sufixos, que também estão clas-

sificados como elementos de formação. Alguns exemplos: *-ada*; *-ês,esa*; *-esco*; *-eu*; *-ez*; *-eza*; *-íase* (?); *-ice*; *-ico*; *-iço*; *-ilho* (?); *-ismo*; *-ose*; *-oso*; *-ura*; *-usco*, etc. Veja-se uma unidade que só se pode classificar como prefixo como *in-*, mas que o dicionário classifica como elemento de formação. Diz o verbete que esse elemento exprime três conceitos: 1) negação: *inoperante*, *imbatível*; 2) carência, falta: *incomplacência* (?); *impreparação* (?); 3) movimento para dentro, interioridade: *implosão*.

Também vale registrar que o dicionário não elencou *não-* como prefixo (ou elemento de formação como aqui se diz). Trata-se, entretanto, de unidade extremamente produtiva na contemporaneidade. O dicionário registra um número relativamente pequeno dessas unidades (sobretudo se contrapusermos ao caso de *hidro-*). São citados alguns derivados neológicos: *não-alinhamento*, *não-beligerância*, *não-eu*, *não-intervenção*, *não-me-deixes*, *não-me-toques*, *não-pagamento*, e um estranho *não-presta* (sic).

7. Os brasileirismos

No capítulo relativo ao *vocabulário brasileiro* faltam muitas unidades lexicais. Não se exige de um dicionário feito para a comunidade dos falantes do Português Europeu que ele cubra o vocabulário e os usos específicos do Português do Brasil. Essa questão é aqui levantada pelo fato de seus autores terem pretendido abranger as diversas variedades do Português, inclusive a variedade brasileira. Assim, não estão registrados no dicionário: *jatá*, *jatobá*, *jaú*, *jirau*, *pacu*, *uaçará*, *ubá*, *uiara*, etc. E vários outros itens lexicais que referem elementos da realidade brasileira como pássaros, peixes, animais e plantas. E outros que designam costumes, alimentos, fatos culturais.

Também com relação às outras variedades do Português na África, por exemplo, a impressão que se tem é que o dicionário incluiu apenas um repertório pequeno de cada uma delas, apenas para justificar a pretensão de estar recolhendo o vocabulário do mundo lusófono. Aliás, em condições mais desfavoráveis do que o Brasil, uma vez que a bibliografia sobre essas variedades é muito pobre. Resulta que o balanço final é que as variedades do Português que não a do PE, figuram como uma curiosidade sobretudo as variedades africanas. Exs: *nganda*, *nganga*, *ngola*, *nguembu*, *nhaneca*, *nhomincá*, etc.

Vai-se comentar apenas a questão dos vocábulos classificados pelo *Dicionário da Academia* como típicas do Brasil, os chamados *brasileirismos* (Bras.).

Várias vezes a atribuição de um sentido, ou uso, ao Português Brasileiro, é discutível. Ou então só foi registrada uma categoria como *habaca* - a definição está correta, porém, só consta como adjetivo. Já *cochilo* consta como brasileirismo, o que não é exato; essa marca só vale para o segundo sentido. Vejamos alguns exemplos mais:

- *auto*³. Bras. Momento, instante (?). A fonte foi certamente o AURÉLIO e até mesmo a indicação do discutível étimo < *átomo*.

- *bombeiro*: Bras. Canalizador (?). Parece-me que só no Rio de Janeiro se usou *bombeiro* com tal sentido. Será que ainda tem essa conotação? De qualquer forma, não é o caso em outras regiões do Brasil, que justificassem a marca Bras. Ainda no verbete *bombeiro*: "Bras. Fam. Criança que, durante a noite, tem incontinência urinária." Nunca ouvi ou vi tal uso, embora ambos usos constem do AURÉLIO.

- *capoeira*¹ Bras. Os significados 4. e 5. são discutíveis. *Capoeiro*¹ como adjetivo também.
- *capoeiro*¹ s.m. Pequeno veado (?)
- *disparada* s.f. - as acepções 1.,2.,3.,4. são todas marcadas como brasileirismos; assim, esse verbete só foi incluído por ser usado no Brasil. Entretanto a loc. adv. *à disparada* composta com a preposição *a* é rara no Brasil. Num subcorpus de 11 milhões de palavras de todos os gêneros (1950 a 1994) ocorreu só uma vez e em *Sagarana* de Guimarães Rosa, o que atesta sua raridade. Silva (1973) também registra algumas ocorrências em obras literárias regionais de Valdomiro Silveira (*Os Caboclos*), José de Alencar (*O Sertanejo*).
- *encardido* Bras. diz-se de coisa sobre a qual é difícil dar uma opinião (?) . De onde vem tal informação ? Para Nunes & Nunes (1996) seria “feio, ameaçador, difícil de entender.” Conheço apenas com o sentido gíriático de “pretencioso; irritante” usado para pessoas.
- *escamoso* registra: “4. Bras. Fam. Que é pouco sociável; que é intratável seco.” Essa informação procede do AURÉLIO. Onde esse dicionário teria colhido tal conotação ? Não encontrei em nenhum dos vocabulários regionais consultados (cf. bibliografia).
- *escorraçado* “3. Bras.(MT) Que evita o contacto, a convivência, arisco. (?) . Informação também colhida no AURÉLIO.
- *lambada* “Bras. Pop. dose ou gole de bebida alcoólica .” Ortêncio (1983) é o único que registra esse sentido em romances regionais de Goiás. Garcia (1899) só consigna o sentido mais comum no Brasil “pancada, golpe de chicote”.
- *montaria*² .Quatro das acepções registradas neste verbete constam como típicas do Brasil, o que é exato.
- *moqueca* : 3. Bras. Cul. Peixe assado na grelha, envolto em folhas de bananeira. 4. Bras. Enfiada de peixes pequenos. 5. Bras. Espécie de cataplasma feito com folhas e mangueira e de tabaco, que coloca sobre a cabeça para debelar cefaléias. (?) O criterioso *Vocabulário Pernambucano* (1937), que trata detalhadamente desse vocábulo, não registra esse sentido. E nenhum dos glossários e vocabulários consultados.
- *sabiá* Bras. Pop. pequena ferida que se abre nos cantos da boca ≡ boqueira (?)
- *tapera*: entrada como adjetivo. “1. Diz-se da casa ou prédio que não está habitado. 2. Que é meio tonto, amalucado.”- De onde tiraram essa informação ?
- *tico-tico* “ 3. Estabelecimento de ensino básico; escola primária. E também: 2. Pessoa ou coisa de reduzidas dimensões, de pouca importância “ (?)
- *xodó* Bras. Ato de namorar = namoro. Creio que caiu totalmente em desuso apesar de estar registrado em Pereira da Costa (1937).
- *dar (o) bolo*: “não comparecer a um encontro; não cumprir com um compromisso.”[Ortêncio, 1983]. Seria do Brasil Central ? Outros glossários de regionalismos não registram essa expressão idiomática, mas ela é popular no Brasil com pequenas variantes, com ou sem artigo. Os dois outros usos marcados como brasileirismos “ser mais competente”, “ser mais hábil que alguém (*dar bolo em*) e “fazer um desfalque” (*dar um bolo*) não estão registrados em nenhum dos vários dicionários de regionalismos consultados. E outras e outras mais. Cf. *alçar, bóia, búzio, dublagem, frigorífico, refrigerador*, etc. Foram escolhidas umas poucas amostras apenas para evidenciar que a questão dos *Brasileirismos e regionalismos brasileiros* precisa de uma pesquisa séria para que os dicioná-

rios dão informações com maior rigor científico. Se já o AURÉLIO, fonte provável do *Dicionário da Academia*, não é confiável quanto a esse tipo de informação, por não ter feito pesquisa exaustiva sobre o assunto, tampouco essa obra o é.¹

Mais um comentário sobre *brasileirismos*. O verbete *bombear*¹ registra como *brasileirismo* “Espionar o campo inimigo.” Essa informação foi também extraída do AURÉLIO. Tal significado está registrado, de fato, em vocabulários regionais do sul: Aliás, já em Rodolfo Garcia (1853) consta “espionar, espreitar”. E depois em Macedo Soares “procurar com empenho e minuciosidade, explorar, espiar, espreitar”, que documenta com um texto de 1845. E depois em Nunes & Nunes como regional no Rio Grande do Sul, embora não documente. Contudo, como em muitos outros casos carece-se de pesquisa moderna sobre a existência, ou vigência desses *brasileirismos*. A meu ver, muitos ditos *brasileirismos* já não são usados no Brasil moderno sobretudo nas últimas décadas do século XX quando a televisão e os meios de comunicação de massa homogenizaram dramaticamente o Português do Brasil.

8. Outras questões

Para os vocábulos *livre-circulação*, *livre-trânsito*, *livre-arbítrio* e *livre-câmbio* são indicados os plurais: *livres-arbítrios*, *livres-circulações*, *livres-câmbios* e *livres-trânsitos*. Será que são usados no plural?

Deve-se louvar a decisão de dar dupla entrada para os *estrangeirismos*: uma para o lema estrangeiro e outra para o vocábulo equivalente aportuguesado. É o caso de *chauffage* e *chauffeur*, que remetem à entrada do equivalente português *aquecimento*, *motorista*, onde as palavras estão definidas.

9. Conclusão

Há inúmeros exemplos nos verbetes que evidenciam a impossibilidade de se fazer um dicionário único, válido para as diferentes normas do Português. Para as variedades brasileira e européia, um tal dicionário é inviável. Tem que ser como a Academia fez: o dicionário foi feito para os usuários europeus, contendo informações registrando especificidades do Português do Brasil, sobretudo de natureza semântica e referencial.

A inclusão de vocábulos de *outras variedades do português no Dicionário da Academia* é assistemática, deixando a desejar. Há um número insuficiente de entradas relativas às variedades do português não-europeu, aparecendo alguns itens quase como curiosidade, como por exemplo: termos de Macau: *chau-chau* (chauchau), *chau-min* (chaumin), *laissi* e *nhonha*, também de Macau. De fato, este *desideratum* de cobrir todo o universo de língua portuguesa no mundo está longe de ser factível, continuando a vigorarem as práticas do tempo de Candido de Figueiredo, quando a pretendida cobertura universal e integral do léxico do Português em todos os continentes, revelou-se uma falácia.

¹ Cf. “Aurélio: sinônimo de dicionário?”. In: *ALFA* (44) 2002, 41-42.

Todavia, a despeito dos muitos senões apontados, este dicionário geral é o mais bem realizado sobre o Português Contemporâneo, sobretudo porque se baseou em um grande corpus de referência informatizado, que lhe dá autoridade e consigna os sentidos e valores semânticos, e usos sintáticos particularmente da variedade do Português Europeu.

Referências

- Aulete, F. J. Caldas (1881) *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira.
- Azevedo, G. De (1966) *Vocabulário do criatório norte-riograndense*. (Estudos Brasileiros n.20). Rio de Janeiro: Edições Siá.
- Beaurepaire-Rohan (1956) *Dicionário de vocábulos brasileiros*. 2ª ed. Salvador: Livraria Progresso Editora.
- Biderman, M.T.C. (2001) *Teoria Linguística*. Teoria Lexical e Linguística Computacional. São Paulo: Editora Martins Fontes. (Nova edição atualizada)
- Biderman, M.T.C. (1998) *O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. ALFA v. 42 (n.esp.). São Paulo: EDUNESP. (organizadora e autora)
- Cardoso, A.L. (1961) *Amerigenismos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora.
- Clerot, L.F. R. (1959) *Vocabulares de termos populares e gírias da Paraíba*. 1ª ed. Rio de Janeiro. s.n.t. Cunha.
- Cunha, A. G. (1982) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- D' Albuquerque, A.T. (s.d) *Falsos brasileirismos*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa.
- Dicionário Eletrônico Aurélio* (2001) Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, A. B.de H. (1975) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, A. B.de H. (1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Garcia, R. (1899) *Diccionario de brasileirismos. Peculiaridades pernambucanas*. S.Paulo: Revista do Instituto Histórico, pp. 637-937.
- Haensch, G., L. Wolf, S. Ettinger & R.Werner (1982) *La Lexicografía*. De la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica. Madrid: Editorial Gredos.
- Houaiss, A. & M. de S. Villar, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Marroquim, M. (1934) *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. S.Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Mendonça, R. *A influência africana no português do Brasil*. S.Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Nunes, Z.C. & R. C. Nunes (1996) *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 7ª ed.
- Oliveira, A. M. P. P. De (1999) *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara.

- Oliveira, S. A. (1940) *Expressões do populário sertanejo*. S.Paulo: Instituto Histórico e Geográfico.
- Ortêncio, W.B. (1983) *Dicionário do Brasil Central*. Subsídios à Filologia. S.Paulo: Ática.
- Pereira da Costa, F.A. (1937) *Vocabulário Pernambucano*. Recife: Imprensa Oficial.
- Sampaio, T. (1987) *O Tupi na Geografia Nacional*. S.Paulo: Editora Nacional/ Brasília, Instituto Nacional do Livro.
- Seraine, F. (1959) *Dicionário de termos populares*. Rio de Janeiro: Organizações Simões.
- Silva, A. de Moraes (1813) *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina (fac-simile feito no Rio de Janeiro em 1922).
- Silva, E. C. da (1975) *Dicionário de locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Bloch.